

OBJETIVO

Evidenciar o aparecimento da doença na cidade do Rio de Janeiro, suas manifestações, origem, e consequências na sociedade em 1850, considerando os primeiros casos no Brasil antes daquele período.

METODOLOGIA

Foram usados periódicos, obras literárias secundárias e não-secundárias, disponibilizados pela Biblioteca Nacional e outros órgãos oficiais de pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil fora vítima da epidemia de febre amarela pela primeira vez na história no ano de 1685, sendo Pernambuco o primeiro estado a sentir os efeitos drásticos da doença, passando depois para a Bahia. Pela ausência de informação oficial sobre o que ocorria na Bahia setecentista, o comportamento religioso da população baiana foi acompanhado pelo medo, por conta da ansiedade, demonstrado nas procissões e nas muitas rezas - fatos que se repetiram na segunda aparição epidêmica de 1849/1850. As evidências científicas sobre o início da primeira epidemia de febre amarela no Brasil apontam com credibilidade a data de 1685 para Pernambuco e 1686 para o estado da Bahia, desaparecendo por dois séculos, sem mostrar qualquer sinal da mesma manifestação epidêmica até outubro de 1849, quando reaparece nos dois estados fazendo um sentido inverso, sendo também contaminado o Rio de Janeiro. Depois de atingir Pernambuco e Bahia na segunda metade do século XVII, (1685-1695) em sua primeira aparição, a epidemia de febre amarela demorou quase duzentos anos para reaparecer em solo brasileiro. Esse espaço de tempo sem a presença da epidemia ocasionou discussões na segunda metade do século XIX, acerca da espontaneidade do desenvolvimento da doença no país, pois, cria-se que a decadência da higiene e das obras públicas aqui encontradas mantinham continuamente a presença de “criadouros” dos verdadeiros agentes propagadores da doença. Para outros, não havia explicação razoável para o motivo de tão longo tempo de ausência da doença, a não ser a sua importação. As opiniões se dividiam. Pereira Rego era favorável à importação da febre amarela, baseado na falta de literatura do gênero que comprovasse sua contínua ação no país. Porém, pelo longo “silêncio”, estava claro para Rego, que ela se ausentou do nosso território por algum motivo maior que a combateu - os meios de oposição à doença, usados pelo governo naqueles momentos críticos. Seguindo a linha teórica de Pereira Rego, não há registros que informam a ação da doença no período do descobrimento do Brasil, mas é informado nos documentos que antes de 1850 a febre amarela

era desconhecida pelos médicos brasileiros. Juntando essa teoria oitocentista às crônicas que favoreciam a idéia da importação da doença concluímos que ela foi importada, primeiramente da África, e que os meios de combate à doença em 1850, usados pelos governos, conseguiram controlá-la. Alguns autores afirmam que a aparição da febre amarela na cidade contribuiu muito para os maiores esforços do governo para a melhoria da saúde pública no Rio, causando o aceleração das obras urbanas, do saneamento e a retomada da questão sobre o enterramento dos mortos. Todavia, em nosso estudo vimos um ponto interessante: no cenário dramático exposto encontramos no meio médico dois grupos teóricos: os que professavam a idéia do contágio entre pessoas e os que a rejeitavam, os chamados infeccionistas. O primeiro grupo era majoritário, revelando com isso o grau de temor que pairava sobre a opinião médica e o medo da epidemia ficar fora de controle, sob o risco de dizimar a população. Mediante essa observação vimos que o que motivou a aceleração da realização dos planos antigos do governo em sanear a cidade (e o país) foi a teoria do contágio e não apenas a presença da febre amarela. A crença no contágio proporcionou o melhoramento dos quesitos que impediam a manutenção da saúde da população; inclusive foi trabalhada a questão que hoje sabemos ser favorável à procriação do mosquito *Aedes aegypti* – transmissor da febre amarela urbana e da dengue – o acúmulo de água parada. Se não houvesse iniciativa do governo em conclamar os homens de ciência, a população religiosa dos estados acometidos pela febre amarela teria sido varrida da história. De acordo com Neves e Machado,

“A febre amarela de 1849 e 1850 infectou 90.658 pessoas, (...), provocando 4.160 óbitos, em uma população de 166 mil habitantes”⁴.

Alguns anúncios do Jornal do Comércio (JC) de fevereiro demonstraram ser a doença um conjunto de febres que acometiam ao mesmo tempo o indivíduo. Motivo pelo qual o vocábulo era comumente colocado no plural: “febres”. Em primeira análise, o mais curioso foi verificar que o uso do termo nos anúncios verificados parece influenciar na nossa convicção de que é mais uma prova contundente da falta de conhecimento médico em diagnosticar corretamente a doença até aquele período, confundida pelas variedades de sintomas e pela similaridade com os diversos tipos de febres que acometia sazonalmente a cidade, quando pronunciada “febres amarelas” por políticos e médicos, por conta da icterícia. Essa pluralidade interligava a febre amarela principalmente com a febre intermitente e a biliosa. Em ambas eram constatadas a icterícia; a primeira amarelava a pele no fim do segundo período, porém, a última, já no

⁴ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das, MACHADO, Humberto Fernandes. O Império do Brasil. p.296.

primeiro dia. Os números estimativos de Pereira Rego para todo o período da primeira epidemia no Rio de Janeiro foi de 4.160 óbitos, diferente dos dados oficiais, que computavam 3.860 mortos⁵. Ele acrescentou aos dados oficializados 300 casos, todos ocorridos fora da corte, desde os que morreram à mingua (por falta de recursos), como aquelas vítimas nas freguezias do interior e as que eram registrados nos atestados de óbitos como vítimas de outras doenças. Segundo Chernoviz, a população da cidade em 1850 era de 250.000 habitantes e, de janeiro até agosto, foram afetadas pela epidemia mais de 100 mil pessoas, morrendo 3.827 vítimas⁶ - é claro que estes números não podem ser considerados como uma verdade absoluta, devido à falta de eficientes técnicas recensitárias da época, mas serve como um parâmetro científico-teórico, na comparação factual.

CONCLUSÃO

O combate à febre amarela na cidade do Rio naquele período ocorreu por conta do medo do contágio, fazendo com que o governo, finalmente, colocasse em prática uma medida que estava sendo protelada desde à primeira aparição da doença no país: o saneamento da cidade. Todavia, a Bahia foi a primeira a iniciar os esforços.

DESCRITORES

Febre amarela, epidemia, Rio de Janeiro, doença, contágio, atenção primária.

REFERÊNCIAS

Correio Mercantil do Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1849, p.1 e 2. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-mercantil/186244> Acessado em 30/01/2014.

José Pereira Rego, História e descrição da febre amarela epidêmica : que grassou no Rio de Janeiro em 1850, p.3. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?&fq=dc.subject%3AFebre%20amarela%20-%20S%C3%A9c.%20XIX>. Acessado em 13/09/2012.

⁵ José pereira Rêgo, Memória histórica das Epidemias da febre amarela e da Colera Morbus que têm reinado no Brasil, p.40. Disponível em <http://www.archive.org/stream/memoriahistorica00rego#page/n3/mode/2up>. Acessado em 01 de janeiro de 2012.

⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Dicionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessarios para uso das Familias (Volume 2: G a Z), p.1088.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Dicionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessarios para uso das Familias (Volume 1: A a F), 1812-1881. Disponível em <http://www.brasiliana.sp.br/bbd/handle/1918/00756310#page/1/mode/1up>. Acessado em dezembro de 2010.

_____ (Volume 2: G a Z).

REGO, José Pereira. Memória histórica das Epidemias da febre amarela e da Colera Morbus que têm reinado no Brasil. Disponível em <http://www.archive.org/stream/memoriahistorica00rego#page/n3/mode/2up> Acessado em janeiro de 2012.

_____. Historia e descripção da febre amarella epidemica : que grassou no Rio de Janeiro em 1850 Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?&fq=dc.subject%3AFebre\+amarela\+\-\+S%C3%A9c.\+XIX>. Acessado em 13/09/2012.